O Internato de MGF
Conquistas e desafios para o futuro...

Maria da Luz Loureiro

Coordenadora do Internato Médico de Medicina Geral e Familiar da Zona Norte
Assistente Graduada em MGF

Os últimos anos têm sido anos de mudança contínua e consequente adaptação para o internato de MGF, pois consideramos sempre a possibilidade de fazer melhor. Neste momento os CSP estão no centro do SNS, apoiado no reconhecimento público da importância de ter um médico de família com excelente formação bem como, do reconhecimento interpares da qualidade dessa formação.

Falamos de um internato que em 2009 teve aprovado o seu primeiro programa de formação, que organizou e orientou um percurso que se estava a prever necessário para um maior número de futuros especialistas de MGF. Foi necessário que o mesmo fosse adaptado às competências já adquiridas, e assim foram estruturados não só os momentos e tempos de formação, como também os modelos de avaliação. Estamos a caminhar seguramente para um terceiro programa, esperemos que mais adaptado aos conhecimentos já assimilados e que possivelmente poderão ser transmitidos aos mais novos médicos internos, mais integrado no *modus operandi* da especialidade e dos CSP.

A formação do especialista de Medicina Geral e Familiar caminhará para ser efetuado o mais possível nos estabelecimentos de Cuidados de Saúde Primários (USF, UCSP, UCC, ECCI, USP, ...) o que poderá representar um importante desafio. O outro desafio, já iniciado, mas ainda não satisfatório, passa pela adequação dos momentos de avaliação que, assumem um papel particular na nossa especialidade, atendendo ao elevado número de candidatos a avaliar em simultâneo.

Considero o aperfeiçoamento dos especialistas em MGF em áreas tão importantes como os Cuidados Paliativos, a Investigação, e a Organização e Planeamento de Cuidados, como desafios pertinentes, dadas as exigências atuais da especialidade. Teremos populações cada vez mais envelhecidas, com mais pessoas com doença terminal e em cuidados paliativos, sendo este o esforço a fazer de forma a que todos os médicos internos possam ter contacto com este tipo de cuidados, e adquiram competências essenciais para lidar com pessoas nesta fase de vida ou mesmo serem parte integrante de equipas que se dedicam de forma permanente a prestar este tipo de cuidados.

Pela insuficiência de estudos nacionais que caracterizem o estado de saúde da nossa população ou pela falta de literatura médica nacional, é cada vez mais importante implementar uma cultura de investigação. A formação em MGF tem em conta esta necessidade, e deu este ano mais um passo positivo, permitindo que os médicos internos possam usufruir de um estágio opcional dedicado a esta temática, para além das noções básicas e do estímulo já incluídos na formação obrigatória.

Uma prática a melhorar é a capacitação dos jovens médicos em governação clínica, técnicas de organização, gestão e planeamento em CSP, para poderem enquadrar equipas dinamizadoras e de liderança.

Não posso deixar de dizer que tudo o que se possa fazer de novo nos CSP é, e será, obra das gerações que agora estão a iniciar a sua carreira, por isso, mais do que uma oportunidade, têm a responsabilidade de fazer mais e melhor.

O desafio está lançado: a responsabilidade de dar continuidade a um trabalho que já outros fizeram, consolidando a MGF e os CSP.